



Dayane Prado de Oliveira Campos: “É uma luta diária e nós tentamos trabalhar da forma mais humanizada possível”

Enfermagem: amor, coragem e dedicação

Nesta quarta-feira é celebrado o Dia Internacional da Enfermagem; reportagem conversou com três profissionais de Londrina

Pedro Marconi

Reportagem Local

Ele está presente em vários processos quando o assunto é saúde. Está dentro do centro cirúrgico, mas também no pós-operatório ou até coletando materiais para exames. Pode gerenciar um setor ou responder por um grande hospital, no cargo de superintendência. O profissional de enfermagem é multitarefa e com um campo de atuação cheio de possibilidades.

Estes profissionais sempre estiveram presentes nos processos relacionados à saúde, mas ganharam holofotes com a Covid-19, tornando-se protagonistas no combate a uma doença letal e contagiosa. Nesta quarta-feira (12) é celebrado o dia internacional da enfermagem, data que lembra e destaca a contribuição destes trabalhadores em prol da vida. A FOLHA conversou com três enfermeiras, que

atuam nos grandes hospitais de Londrina. São histórias de trabalho, mas também de sensibilização na maior missão, que é cuidar das pessoas.

‘OBJETIVO É QUE O PACIENTE VOLTE PARA CASA’

É uma rotina intensa. Ao todo são 78 horas de trabalho semanais. Alzira Aparecida Boaventura Yamamoto é enfermeira no hospital Evangélico e no HU (Hospital Universitário). Somente no Evangélico são 39 anos de dedicação no pronto-

socorro. A carreira começou na Santa Casa como ajudante no berçário. Fez curso de auxiliar de enfermagem e se encantou com a área da saúde.

Posteriormente foi para o hospital Evangélico como auxiliar, sendo promovida um tempo depois, ao concluir a graduação. Com tanta experiência, se depa-rou com uma mudança drástica no dia a dia de cuidado aos pacientes. A pandemia de coronavírus trouxe angústias, desafios e aprendizados como nunca antes visto. “É uma doença muito desgastante. A gente vê o

sofrimento das pessoas e isso é muito triste. São vidas que estão indo, famílias perdendo muitos entes queridos”, relatou. No HU são oito anos de serviço e desde o ano passado atendendo os casos no setor de tratamento da Covid-19.

Segundo Yamamoto, desde março a situação tem sido ainda pior, gerando ainda mais desgaste, principalmente, psicológico. O porto seguro tem sido a família. “Pessoas novas morrendo, muitas pessoas da mesma família. Nos colocamos no lugar no outro. No mês passado atendi um senhor de idade que perdeu dois filhos em 15 dias. Neste momento sinto o acolhimento da família, que sabe que estou trabalhando na linha de frente. Tenho me cuidado para não levar o vírus para dentro de casa”, destacou.

Diante de uma realidade com tanto sofrimento e tristeza, também existem momentos de ale-

gria. “É muito bom ver o paciente melhorando, indo embora e dando tchau para você, dizendo que vai orar por nós, isso é gratificante”, pontuou. “Trabalhar na área da saúde é amor. Tem que ter amor e dedicação ao próximo, saber se doar mais pelo outro, poder cuidar e tentar devolver a saúde. Nosso objetivo é que o paciente volte para a casa.”

‘A ENFERMAGEM É UM NORTEADOR DE VIDA’

Eleine Aparecida Penha Martins tem a enfermagem duplicada em sua vida: na parte assistencial e na educacional. Formada em 1993 pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), vem de uma família de enfermeiros. Já de casa sentiu o chamado para o cuidado do ser humano em sua plenitude. A primeira experiência foi como enfermeira assistencial no HU (Hospital Universitário).



A gente vê o sofrimento das pessoas. São vidas que estão indo, famílias perdendo muitos entes queridos”